

*Gênero, lazer e cultura na Bahia do século XIX**

Adriana Dantas Reis Alves(UEFS/Mulieribus)

A vinda da Família Real para o Brasil foi um marco no estabelecimento de novas práticas de lazer para a elite. Em Salvador, além dos tradicionais festejos religiosos a elite local reunia-se no teatro São João, nos bailes realizados na Associação Comercial, no Passeio Público e nos salões. Através da Faculdade de Medicina circulavam novas idéias e eram discutidos entre os homens das letras novos modelos de comportamento feminino. Essas reuniões sociais não tinham um sentido apenas de divertimento mas, sobretudo, de estabelecimento de identidades. As novas formas de socialização, assim como, a circulação de periódicos, manuais de boas maneiras e tratados de educação, traziam uma forte influência francesa configurando-se um novo modelo de elite na Bahia. Os novos *espaços civilizados*, que começavam a surgir traziam consigo exigências de comportamento e aparência específicos. Portanto, o comportamento das mulheres em público, nos salões e bailes, acompanhadas de uma educação apropriada tornam-se objeto de análise de muitas publicações, temas de artigos em periódicos, teses de medicina e publicações católicas, demonstrando que uma nova identidade do grupo feminino estava sendo forjada.

Uma outra prática de lazer feminino eram as visitas, momentos de socialização das senhoras, como descreve um artigo intitulado: “Tempo que gastam as senhoras nas visitas de suas amigas”. Tratava-se de um artigo irônico sobre a preparação para visitas entre amigas, vista pelo lado do acompanhante, um varão da família feito *guarda-damas ou braceiro*. As saídas geralmente aconteciam à noite após o jantar, e dizia ele: “fala-se na ida desde o jantar, lavam-se, enxugam-se, e engomam-se os tratinhos que hão de figurar na tafularia, uma toma a passagem ao chale, outra muda a guarnição do vestido, outra faz tratos ao chapelinho (...)”.¹ Depois de noite fechada o *rancho* punha-se em ordem, e iam à vela tomando a rua. Conversavam muito durante o caminho, que o autor chamava de um verdadeiro *motim de galhas*. Quando chegavam-se a casa das amigas, entrava o *rancho* e o mundo vinha à baixo com o *motim* que fazia a “trovoada de beijos”. Então, uma perguntava pela saúde, outra pela moléstia, tomavam chá, conversavam sobre a escolha de modas, uma mostrava os bordados que fez, a outra procurava saber onde comprou aquelas lãs, falavam de ciúmes de amizades, e ficavam de “segredinhos”.

Entre as novas formas de lazer femininas, podemos citar também a leitura, que incluía os periódicos, romances, e catálogos de moda franceses. Xavier Marques ao descrever o quarto da personagem do romance *Uma Família Baiana*, afirmava que entre objetos miúdos, encontrava-se,

* Este texto é uma adaptação de parte do meu trabalho de Mestrado publicado com o nome: Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX. Salvador; FCJA; Centro de Estudos Baianos da UFBA, 2000.

¹ BNRJ, Obras raras, *A Verdadeira Marmota* - 17 de dezembro de 1851, n.97, p.03

“uma lição de solfa para piano, um volume de ‘Horas Marianas’, frascos vazios e outros cheios de perfumaria, e no chão abria-se um número do ‘Recreio do Bello Sexo’”.² Os periódicos eram grandes propagadores dos novos modelos de distinção social, de modas e comportamentos, fossem eles escritos especificamente para o *belo sexo* ou não, sempre existiam espaços para o entretenimento das leitoras: os anúncios, a parte literária, poesias, pedidos de casamento, folhetins, etc. Os anúncios, por exemplo, eram os grandes incentivadores dos novos modelos de moda européia. Anna Ribeiro, também descreve como os periódicos chegavam em sua casa no Recôncavo, região de Catú, através de uma rede de empréstimos e trocas entre estudantes que vinham da capital ou entre as próprias mulheres, demonstrando como Salvador exercia um fascínio sobre os moradores do Recôncavo.

Os periódicos tem se revelado uma documentação muito rica para o estudo da mulher. Na Bahia existiram muitas tipografias implantadas principalmente na segunda metade do século. Havia uma variedade muito grande de periódicos e segundo um artigo escrito por José de Oliveira Campos em 27 de fevereiro de 1907 para o Jornal de Notícias, na Bahia de 1840 a 1850 existiam 74 órgãos de publicidade, e em 1845, 8 tipografias, 6 casas de encadernação, 4 lojas de livros, dados que podem ser maiores. Muitos deles eram direcionados para o público feminino, pois a leitura de jornais naquele período era uma forma de socialização e lazer para as mulheres da elite. Esses dedicados especificamente às mulheres³ se autodenominavam periódicos, literários, recreativos, instrutivos e morais como: *O Recreio das senhoras* (1861), *Espelho das Belas* (1860-61), *O Boulevard* (1870), *A grinalda* (1869), entre outros. Outros, como *O crepúsculo* (1846), *O mentor da infância* (1846), *Revista americana* (1848), *A Verdadeira marmota* (1849-1855), *A aurora* (1867), o *Almanach das famílias* (1878-1879), *O Preceptor ou livraria dos meninos - jornal moral, instrutivo e miscelâneo* (1882), *O Recompilador* (1837-1838), *A escola* (1880), *A Roseira* (1868), apesar de não se autodenominarem periódicos femininos, demonstravam através de seus artigos e anúncios que elas eram seu público alvo principal.

O uso de cadeirinhas de arruar⁴ passou a ser um costume considerado *atrasado*, como afirmava um artigo publicado n’*A Verdadeira Marmota*, em 1851. Dizia ele: “infelizmente entre nós o *espírito de sociedade está atrasado* por causa do mau sistema de educação, que damos às famílias, de sorte que apreciamos mais a triste solidão do que a boa sociedade; um dos principais motivos porque temos falta de sociedades aprazíveis é este *atraso no uso de andarem as senhoras incapotadas em cadeiras*; porque aí procede não haver influencia e *espírito de civilização no povo*,

² Marques, Xavier. *Uma família baiana...*p.49.

³ Sobre o estudo da imprensa feminina brasileira ver, Buitoni, Dulcilia Helena Schroeder, *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo, Loyola, 1981; e Bernardes, Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes, *Mulheres de ontem?...*, pp.97-173.

⁴ Ver Habsburgo, Maximiliano de, *Bahia 1860...*, p.80, 116.

visto que em toda parte o *belo sexo é o incentivo de bom gosto, e polimento dos costumes*”.⁵ Andar carregadas em cadeirinhas parecia realmente muito distante do desejado “polimento nos costumes” que a elite tentava representar. O Imperador em sua visita à Bahia em 1850, negou-se terminantemente a usar a *cadeirinha de arruar*, tanto ele quanto a Imperatriz, e subiram à pé as ladeiras de Salvador assim como na cidade de Nazaré. Isso demonstra o quanto esse costume estava distante dos “padrões de civilidade da Corte”.⁶

Apesar da ampliação, naquele período, dos novos espaços de lazer onde as mulheres “bem nascidas” podiam atuar, seu comportamento era atentamente vigiado por todos. Por exemplo, elas deveriam ser conduzidas a um baile ou qualquer reunião pública por um “braço masculino” da família e qualquer deslize comprometeria sua moral e virtudes. Podemos citar como exemplo, um baile realizado na Associação Comercial em 1849, no qual um incidente gerou muitos comentários, comprometendo a reputação de uma moça, a ponto do rapaz envolvido no fato publicar uma explicação à sociedade no *Correio Mercantil*. Victor S. Thiago Subrá, estava sendo acusado de tentar raptar uma moça durante aquele baile e segundo suas explicações, o motivo de tanto comentário foi por ele ter descido as escadas sozinho com uma senhorita que não revelou o nome. Esclarecia as circunstâncias que motivaram sua saída com ela. Segundo ele, depois de finda uma quadrilha passeavam quando a referida moça informou-lhe sentir-se muito incomodada do estômago, ele aconselhou-a a retirar-se para o *toilette*, respondeu ela que sentia algumas ânsias de vômitos e não queria “dar espetáculo às muitas senhoras que ocupavam o toilette, expondo-se a malignos comentários, ou interpretações” e que preferia sair ao ar livre. Ele então avisou ao irmão da moça com quem tinha relações de amizade, que reparando na palidez de sua “mana” pediu-lhe que a levasse para fora que ele ia largar a senhora a quem dava o braço e os encontraria em seguida; o que fez logo, mas não a tempo de descerem juntos as escadas do edifício. Assim, as pessoas que o viram descendo com a moça, imaginaram que fugia com ela. Declarava ao público que não havia cometido nenhuma ofensa à virtude e honestidade da mesma, afirmando que ela havia sido conduzida para casa com seu irmão juntamente com as outras suas irmãs, e que já havia dado as explicações à sua família.⁷ Como vemos, além dos padrões de aparência e de polidez, como a maneira de andar, falar, sentar etc., as frequentadoras de bailes, também deveriam manter um comportamento moral, no qual os códigos de socialização heterossexual não despertasse nenhuma dúvida ao público quanto ao que era determinado como sendo uma “moça virtuosa”.

⁵ APEB, Periódicos, *A Verdadeira Marmota* - Bahia, 10 de maio de 1851, n.38, p. 01. Grifos nossos.

⁶ Souza, Pinto de. *Memórias da Viajem de Suas Magestades Imperiais à Província da Bahia*. Rio de Janeiro, 1867, p.29,39, apud, Habsburgo, Maximiliano, *Bahia 1860. Esboços...*, p.244, nota 78.

⁷ BNRJ, Obras raras, *Correio Mercantil* - Bahia, 23 de agosto de 1849, n.186, p.03.

Nem sempre as novas formas de reunir a “boa sociedade” correspondia ao isolamento do restante da sociedade. Em 1851, o periódico *A Verdadeira Marmota* criticava a situação do teatro descrevendo um pouco do seu cotidiano. Chamava a atenção do Sr. Diretor do teatro São João (localizado na atual Praça Castro Alves) a dar as mais terminantes ordens aos sentinelas das portas principais, para não deixarem entrar “tanto moleque” e “capadócio”, que se iam amontoar nos corredores e invadiam os camarotes para furtarem chales, chapéus, etc. ou darem ocasião “à serem lançados fora pelos soldados do piquete”, que durante a representação falavam alto nos corredores. Recomendava ainda que se proibisse a vendagem de doces pelos corredores, marcando-se aos vendedores um lugar certo, onde cada um pudesse ir fornecer-se, evitando com isso que muitas vezes os presentes se distraíam com a representação, quando olhasse para traz desse com um daqueles “trampolinas” dentro do camarote, que a título de oferecer doce, poderia safar-se com o que pudesse encontrar.⁸ Em outra ocasião, criticava também as pedras soltas que haviam na praça do mesmo teatro, causando grande incomodo ao público nas noites de teatro, privando o livre transito e podendo ocasionar algum desastre pela quantidade de carros e cadeiras de arruar, que faziam muita confusão na hora da saída.⁹

A aparência, de acordo com as novas exigências sociais, era fundamental na preparação para as aparições das damas em público. Logo que um baile era anunciado começavam os pais a prepararem-se para as despesas com as meninas. Começavam elas a aprontarem-se, e “eram poucas as negras e moleques para irem comprar tantas cousas que se precisavam”.¹⁰ Na Bahia, a elite feminina, apesar de não ter estabelecido uma rua da moda semelhante à do Ouvidor da Corte do Rio de Janeiro, contava com algumas poucas lojas, que as auxiliavam naqueles preparativos. Algumas modistas parisienses como, Mme Mottau à rua Direita do Palácio, Mme Lefevre Júnior à rua dos Capitães,¹¹ Mme Prosper, na ladeira de São Bento,¹² e Mme Mesnard ao lado da Igreja da Piedade,¹³ anunciavam nos jornais uma infinidade de artigos femininos como: chapéus, penachos para bailes, espartilhos, coletes, meias, chales finos, leques, luvas, e recebiam encomendas de vestidos para passeio, para bailes, enxovais, fantasias, além de venderem artigos para costura, como filós, veludos, fitas, plumas, flores etc. A “Casa Japonesa” localizada na travessa do Garapa,¹⁴ incumbia-se de penteados, tranças e *niniches*, e “Eugenio Bovio”, à rua direita do Palácio,¹⁵ além de pentear senhoras para casamentos e bailes, tinha o mais completo sortimento de perfumarias,

⁸ APEB, Periódicos, *A Verdadeira Marmota* - Bahia, 29 de março de 1851, n.27, p.02.

⁹ APEB, Periódicos, *A Verdadeira Marmota* - Bahia, 10 de maio de 1851, n.38, p.01.

¹⁰ BNRJ, Obras raras, *A Verdadeira Marmota* - 26 de março de 1851; n° 26, p.01.

¹¹ MIABI, *Jornal de Notícias* - 23 de setembro de 1879; n°03, p.03.

¹² BNRJ, Obras raras, *Correio Mercantil* - 02 de janeiro de 1840; n° 17, p.04.

¹³ BNRJ, Obras raras, *O Recreio das Senhoras* - 1861; n° 08.

¹⁴ APEB, Periódicos, *O Faisca* - s/d p.01

¹⁵ BNRJ, Obras raras, *O Recreio das Senhoras* - 1861; n° 08.

botinas, luvas, pentes, álbuns etc. Uma loja denominada, “Toilette de Vênus” anunciava, variado sortimento de perfumarias, óleos, sabonetes, escovas e objetos de *toilette*.¹⁶ Além dessas podemos citar: “Au Palais Royal”, “Anjo Vencedor”, “Águia Americana”, “A La Ville de Lyon”, “A parisiense” e “Ballalai”, que estavam estabelecidas na Praça do Comércio, no Guindaste dos Padres e na rua do Palácio, respectivamente, e vendiam uma série de artigos de moda feminina, além de vinho para senhoras, toucas de rendas, águas de cheiro, tamancos franceses, caixas de música, tecidos, costumes completos para banhos salgados especialmente para senhoras, assim como, cristais, quadros, louças, porcelanas e pianos, que também faziam parte da preparação do interior das casas para as recepções.

Surgiram também, em meados do século XIX, alguns espaços baianos para o lazer feminino, muito comuns no Rio de Janeiro, como a confeitaria “Luso Brasileira” que atendia encomendas para doces de bailes e mantinha uma sala reservada para a família,¹⁷ a sorveteria no “Café Restaurante”, ao Largo do Teatro, que além de mandar sorvetes para casas particulares, também todos os dias às 4 horas da tarde mantinha uma sala particular para senhoras¹⁸ e no final do século a “Pastelaria Andalusia” na Praça Castro Alves, que oferecia vinhos e lanches frios, tendo além de tudo uma “sala reservada para famílias apreciarem o bom sorvete”.¹⁹

Adriana Dantas Reis

Mestra em História pela UFBA

Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

¹⁶ APEB, Periódicos, *O Faisca*; Idem.

¹⁷ MIABI, *Jornal de Notícias* - 23 de setembro de 1879; n.03, p.03.

¹⁸ BCEB, Periódicos, *Jornal da Bahia* - 19 de janeiro de 1855; n.498, p.04.

¹⁹ APEB, Periódicos, *A Lanterna* - 03 de Maio de 1884, n. 51, p.04.